BOLETIM
BATALHAR
Lutas sociais & Reflexões
nº 127 - outubro de 2026

Protestos estudantis na Europa: sintomas de uma crise continental

Amplamente noticiados nos jornais, desde 18 de setembro, os colégios das periferias da Île-de-France começaram a ser tomados por uma onda de piquetes. O que começou como uma mobilização contra a falta de recursos nas instituições de ensino, rapidamente transbordou suas reivindicações iniciais espalhando-se por todo o território francês, assumindo proporções inéditas e posteriormente alastrando-se por diversos outros países europeus como Espanha, Itália e Alemanha. Em poucos dias, os bloqueios deixaram de ser episódios isolados para se converter em uma expressão mais ampla do descontentamento que fervilhava entre a juventude europeia.

As ruas foram inundadas por centenas de milhares de estudantes em luta, barricadas foram erguidas, prédios do governo incendiados. Uma flagrante repressão estatal sem precedentes pôde ser observada pelo mundo todo através das redes digitais, o que colocou mais gasolina nas já incendiárias manifestações. Tudo isto feito majoritariamente por estudantes de 14-17 anos, que sem absolutamente nenhum apoio de partidos políticos ou sindicatos, decidiram tomar seu destino em suas próprias mãos, de forma auto-organizada sem esperar a ordem de ninguém.

O #BB sempre aponta a direção da auto-organização e desta vez trazemos um exemplo prático deste fenômeno com uma especificidade: o protagonismo das lutas desta vez não é do proletariado, mas sim de estudantes secundaristas, proletários em formação.

O contexto europeu dos últimos anos

Para entender tais manifestações, é preciso primeiramente compreender o cenário que lhes permitiu existir, observando quais as demandas específicas das lutas em cada país. Na França, demandam mais gastos públicos com educação e serviços sociais. Na Espanha exigem a redução dos aluguéis, o fim dos despejos e a proibição da compra de imóveis por fundos de investimento, ou, como o próprio governo os denomina, "fundos abutres". Na Itália reivindicam salários mais altos e serviços públicos fortalecidos, e assim como na Alemanha protestam contra o aumento do custo de vida e se opõem à ampliação dos gastos militares, bem como ao serviço militar obrigatório alemão. Todas as reivindicações são justas, mas fazem parte de um problema mais amplo que envolve o continente europeu.

A vida na Europa está ficando cada vez mais cara, enquanto os salários não acompanham o aumento dos preços. Os números mostram a dimensão do problema: entre 2015 e 2025, os preços dos imóveis nos países da União Europeia subiram quase 65%, enquanto os aluguéis aumentaram cerca de 22%. A inflação acumulada corroeu o poder de compra da população, encarecendo alimentos, energia, transporte e outros produtos básicos. Os salários, porém, não acompanharam esse ritmo: em 2024, os salários reais médios na União Europeia ainda estavam 0,7% abaixo dos níveis de 2019. Para uma parcela cada vez maior da população, trabalhar já não significa conseguir pagar tranquilamente as contas, morar em condições dignas e ter acesso aos serviços básicos.

O protagonismo de Estados Unidos, China e Rússia no xadrez do imperialismo vem colocando a Europa, em especial os países membros da OTAN, em uma encruzilhada. Diante da guerra entre Rússia e Ucrânia, capitalistas europeus (gestores e burgueses) optaram por recusar o fornecimento de combustíveis fósseis russos, elevando o custo energético da produção e da distribuição de mercadorias. Some-se a isso a pressão estadunidense pelo aumento nas compras de suas tecnologias militares, sob o falso pretexto de uma ofensiva russa, enquanto tenta disputar a hegemonia comercial com a China na região.

A China, por sua vez, é um dos principais parceiros comerciais da União Europeia, além de ser uma importante fornecedora de produtos industriais e matérias-primas. A Europa encontra-se, assim, em uma posição contraditória: depende dos Estados Unidos para sua proteção militar, mas também depende de suas relações comerciais com a China ao passo que historicamente dependeu do petróleo e do gás russos. Essa disputa se manifesta em tarifas comerciais, restrições tecnológicas, disputas por matérias-primas e pressões sobre os países europeus para que escolham de que lado ficar.

O comprometimento do orçamento público desses países com gastos militares só agrava a situação de crise. Em 2024, os países da União Europeia gastaram aproximadamente 343 bilhões de euros em defesa, um aumento de 19% em relação ao ano anterior. Para 2025, a previsão chegou a 381 bilhões de euros. Além disso, na cúpula da OTAN de junho de 2025, os

"Adestrados para serem futuros trabalhadores numa sociedade que, tendo em conta as suas habilitações e a sua origem social, não lhes proporcionará mais do que empregos precários, aqueles jovens recusam-se liminarmente a desempenhar o papel que lhes é atribuído na encenação. Os acontecimentos em França confirmam este ponto de vista." **João Bernardo**

> "Ao longo dos últimos trinta anos, a força de trabalho da Europa Ocidental, dos Estados Unidos e do Japão deixou de exercer uma grande pressão sobre o capital. Isso não se deve ao fato de terem perdido sua função econômica, mas sim porque foram derrotados após sua luta — não revolucionária, porém militante — entre 1960 e 1980. De fato, foi justamente por terem sido derrotados (nas empresas e nas ruas) que a burguesia pôde terceirizar e transferir grande parte da produção industrial. Os capitalistas de Hong Kong e os burocratas da China continental não forçaram sua entrada nos mercados ocidentais: a Ásia tornou-se uma das 'oficinas do mundo' apenas depois que os trabalhadores ocidentais e japoneses foram derrotados nas décadas de 1960 e 1970." . **Gilles Dauvé**

governos se comprometeram a elevar os gastos com defesa e segurança para 5% do PIB até 2035. Para financiar essa expansão, a União Europeia criou mecanismos de empréstimo de até 150 bilhões de euros destinados à indústria militar e flexibilizou suas regras fiscais para permitir que os governos gastem mais com armamentos.

Enquanto bilhões são mobilizados para tanques, mísseis, aviões de combate e infraestrutura militar, a população enfrenta aluguéis cada vez mais caros, serviços públicos precarizados, salários insuficientes e condições de vida mais difíceis. O chamado Estado de bem-estar social europeu, construído ao longo de séculos de colonialismo genocida e lutas proletárias sangrentas, garantia minimamente acesso à saúde, educação, moradia e assistência social, e servia como um modelo para países de capitalismo dominado. Parece que a manutenção dessas ilhas de prosperidade fundadas em democracia e altos índices de qualidade de vida não são mais prioridade para os capitalistas, que por meio das mídias corporativas condenaram com veemência os protestos por seus atos de "vandalismo" , ao passo que em outubro de 2025 caracterizaram como revolução colorida da "geração Z" a revolta estudantil na qual a esposa do primeiro-ministro do Nepal foi queimada viva.

Potencial das revoltas

Em uma das faixas carregadas por estudantes franceses podia ler-se "*Fin à l'époque contemporaine*": fim à época contemporânea. Compreendidas as demandas da luta e seu contexto, é importante perceber que uma parte dos manifestantes propõe não apenas alcançar as reformas pontuais por dentro do sistema, mas a superação do sistema em si. Isto implica que certos meios (luta) são necessários para alcançar esse fim (superação).

Neste momento, o que vemos é, em maior ou menor medida, a adoção da revolta pura como válvula de escape para o ódio de classe de parte de estudantes e proletários. Diferente das revoltas proletárias clássicas com paralisação das fábricas, promove-se o ataque físico e direto a símbolos da propriedade privada e do Estado, de forma predominantemente insurrecional. A organização mais centralizada e delineada é substituída por uma organização difusa, sem forma definida. Este é um processo dialético resultado de alguns fatores históricos específicos, que dos quais listamos quatro abaixo, entre outros:

1. **integração ideológica e política de setores do proletariado à sociedade burguesa**: enfraquecimento da perspectiva de emancipação coletiva e subordinação das reivindicações a projetos políticos e instituições da conservação;
2. **transformação da composição social dos movimentos**: maior heterogeneidade dos sujeitos envolvidos, com a participação de estudantes, trabalhadores precarizados, desempregados e outros setores sociais, cujas condições materiais e experiências de luta não são necessariamente semelhantes;
3. **transformação das condições materiais de organização do proletariado**: fragmentação dos processos produtivos, precarização das relações de trabalho e enfraquecimento de determinadas formas históricas de concentração e organização coletiva dos trabalhadores;
4. **descrédito das instituições tradicionais de organização**: a perda de legitimidade de partidos, sindicatos e demais organizações historicamente associadas ao movimento operário, decorrente de sua integração às estruturas institucionais do Estado, de sua atuação como mediadoras dos conflitos entre capital e trabalho e de sua incapacidade de oferecer perspectivas efetivas de emancipação social.

Assim, a revolta difusa não deve ser compreendida simplesmente como ausência de organização, mas como uma forma de manifestação do antagonismo social em condições nas quais as formas tradicionais de organização e expressão da luta de classes perderam parte de sua capacidade de articulação. A revolta pode adquirir conteúdo proletário, uma manifestação aparentemente espontânea pode produzir formas de organização, solidariedade e enfrentamento que ultrapassam sua expressão inicial.

Caso esse movimento na Europa queira propor a superação do capitalismo, é necessário que tome formas pré-figurativas de auto-organização da sociedade. A reivindicação de melhorias na educação e moradia é um começo, mas o produto essencial destas lutas deve ser a eclosão de organizações da transformação social, que apontem para uma sociedade pós-capitalista organizada pelos próprios proletários associados e que ultrapasse as fronteiras europeias. ♟